



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO EDUCAÇÃO  
CURSO DE LETRAS**

**JOSÉ HELBERT CALIXTO BATISTA**

**OS MUITOS GALHOS DE UMA MESMA ÁRVORE: O ALCORÃO E OS  
UPANISHADES À LUZ DA DOCTRINA SECRETA**

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

**JOSÉ HELBERT CALIXTO BATISTA**

**OS MUITOS GALHOS DE UMA MESMA ÁRVORE: O ALCORÃO E OS  
UPANISHADES À LUZ DA DOCTRINA SECRETA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado na Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Letras, com habilitação em língua inglesa. Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B326m Batista, Jose Helbert Calixto.

Os muitos galhos de uma mesma árvore: o alcorão e os Upanishads à luz da doutrina secreta [manuscrito] : / Jose Helbert Calixto Batista. - 2017.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida, Departamento de Letras e Artes - CEDUC."

1. Religião. 2. Hinduísmo. 3. Alcorão. 4. Crenças. 5. Escrituras sagradas.

21. ed. CDD 291.1

JOSÉ HELBERT CALIXTO BATISTA

OS MUITOS GALHOS DE UMA MESMA ÁRVORE: O ALCORÃO E OS  
UPANISHADES À LUZ DA DOUTRINA SECRETA

Artigo apresentado como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Inglesa na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Literatura, sob a orientação do Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida Cunha.

Aprovada em: 5 de dezembro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha  
Prof. Esp. Thiago Rodrigo de Almeida (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joselito Porto de Lucena  
Prof. Me. Joselito Porto de Lucena  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Senizia Cordeiro de Sousa Ramos  
Prof. Me. Senizia Cordeiro de Sousa Ramos  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Nota: 7.5

A minha família aos professores e aos meus amigos,  
pela dedicação, companheirismo e amizade. DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Thiago Almeida pelo material recomendado e pelas orientações.

Aos professores Joselito Porto e Senizia Cordeiro por terem aceitado fazer parte da banca examinadora.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, que contribuíram ao longo de trinta meses, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Há dois amantes que nunca estão satisfeitos –  
o amante do mundo e o amante do  
conhecimento..” Jalal ad-Din Muhammad  
Rumi.

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1</b>	<b>A Doutrina secreta: o Mesmo Deus em diferentes escrituras.....</b>	<b>08</b>
<b>2.1</b>	<b>Descrição do Alcorão.....</b>	<b>11</b>
<b>2.2</b>	<b>Descrição dos Upanishades.....</b>	<b>13</b>
<b>2.3</b>	<b>Descrição da Doutrina Secreta.....</b>	<b>14</b>
<b>3</b>	<b>Análise.....</b>	<b>15</b>
<b>3.1</b>	<b>O Alcorão e os Upanishades à luz da Doutrina Secreta.....</b>	<b>15</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>21</b>



## OS MUITOS GALHOS DE UMA MESMA ÁRVORE: O ALCORÃO E OS UPANISHADES À LUZ DA DOCTRINA SECRETA

Helbert Calixto\*

### RESUMO

O estudo comparativo das religiões foi um tabu durante grande parte da história humana, sendo essa prática considerada heresia pelos líderes mais ortodoxos das várias religiões existentes, sendo o estudo comparativo desses textos uma importante ferramenta para o desenvolvimento da compreensão da diversidade cultural. Levando em conta essas questões, esse artigo tem como objetivo comparar as escrituras sagradas de duas das mais influentes religiões, o Alcorão e os Upanishads, respectivamente, nas escrituras do Islã e do Hinduísmo, buscando apontar as semelhanças entre essas duas crenças tão distintas e, mostrar que por mais diferentes que elas possam parecer, trazem a mesma descrição do personagem “Deus”. A metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica, em que se fará pela aplicação da teoria presente no livro *A Doutrina Secreta* (1888), de Helena Blavatsky, bem como dos livros *O Sagrado e o profano* (1992) e *Mito e Realidade* (1972), ambos do escritor Mircea Elaide. Com o auxílio desse material buscaremos apontar as semelhanças entre os protagonistas das duas obras.

**Palavras-Chave:** Religiões, Comparação, Semelhanças.

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho é uma pesquisa bibliográfica e documental. O tema é a análise das características do personagem Deus nas escrituras, e relaciona-se à literatura religiosa. Trata-se da comparação de três livros (*Alcorão*, *Upanishads* e *A doutrina secreta*), analisando a

---

\* Aluno de Graduação em Letras hab. Língua inglesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.  
Email: helbert\_iron@hotmail.com

forma em que cada uma dessas tradições descreve “Deus”, e comparando suas respectivas descrições.

Por meio da literatura o homem desde tempos imemoriais, vem eternizando suas ideias através da escrita. Por esse motivo, hoje temos um vasto acervo de materiais que nos dão acesso a conhecimentos de tempos remotos. Algumas dessas obras sendo bastante influentes nos nossos dias atuais, como é o caso da literatura religiosa, que, embora seus conteúdos sejam comumente conectados com uma divindade, foram mãos humanas que os escreveram para a posteridade.

Precisamente pela variedade desses textos, considerados sagrados, e pela sua ampla influencia, expandem-se para outros gêneros literários, como nas obras: A Divina Comédia, As mil e uma noites árabes, Layla e Majnum, Shahnameh: O grande épico persa, entre outros, que o entendimento do conteúdo dessas obras religiosas se torna tão relevantes.

Um das varias formas de entendermos o conteúdo de uma obra literária é através da análise do protagonista da historia, que é o foco da narrativa. Nesse artigo analisaremos de forma comparativa, o protagonista retratado de maneira similar em duas literaturas sagradas de grande influencia cultural.

O artigo abordará as características similares em relação à descrição da divindade que as obras citadas possuem, colocando as semelhanças presentes nos textos lado a lado, que muito provavelmente se mascararam sob sua determinada cultura que compõem os materiais analisados, fazendo com que passem despercebidas suas similaridades.

Como foi dito no paragrafo anterior, as diferenças culturais dificultam na compreensão dessas similaridades, que quando analisadas sem esse “véu” cultural, se tornam mais claras, mostrando assim que a grande diferença entre elas são fatores externos.

A literatura comparada, sendo o estudo científico que aborda, em seu âmbito, as várias características presentes nas várias literaturas existentes pelo mundo, por esse motivo, é uma disciplina de grande importância nos dias de hoje devido aos contatos mútuos entre diferentes culturas serem mais comuns. Fazendo com que os estudantes desta disciplina trabalhem seus pensamentos críticos e aumentem a sua compreensão da diversidade cultural, que em nossa época se mostra tão forte.

O objetivo deste trabalho é o de estabelecer uma análise comparativa entre os personagens já citados apontando suas características semelhantes, utilizando-se da obra magna de Helena Petrovna Blavatsky “A Doutrina Secreta” como ferramenta pra alcançar esse objetivo.

Sendo um tema delicado de se tratar, que é a comparação entre textos que são sagrados para milhares de pessoas, vemos a importância de tal trabalho, que objetiva analisar as características presentes nas duas obras referentes ao personagem Deus, buscando as similaridades que ambos possuem, dessa forma mostrando que, embora a natureza das duas obras seja tão distinta, seus protagonistas compartilham as mesmas características.

A metodologia que será utilizada se baseia na análise do Alcorão e dos Upanishads referentes à descrição de “Deus” (Alá e Om ou Brahma), através da Doutrina Secreta que explica muito bem essa síntese. Utilizaremos de citações dos textos referidos para demonstrar essas semelhanças, que se não for por uma coincidência muito desventurada, estaríamos analisando duas descrições de um mesmo personagem.

## **1 A Doutrina Secreta: o mesmo Deus em diferentes escrituras**

De acordo com a Doutrina Secreta de Helena Petrovna Blavatsky (1888), e a linha de pensamento da sociedade teosófica (organização internacional que tem como objetivo estudar de forma comparativa as diversas religiões existentes), todas as escrituras religiosas compartilham, em sua essência, os mesmos princípios e ensinamentos, mas, que em suas características exotéricas, não nos deixam perceber as suas semelhanças. Desta forma, Blavatsky descreve o conteúdo de seu livro:

Será talvez conveniente declarar, em termos inequívocos, que os ensinamentos consubstanciados nestes dois volumes, por mais incompletos e fragmentários que sejam não pertencem exclusivamente nem à religião hindu, nem à de Zoroastro, nem à da Caldéia, nem à egípcia; e tampouco ao Budismo, ao Islamismo ou ao Cristianismo. A Doutrina Secreta é a essência de todas elas. E como os diferentes sistemas religiosos tiveram sua origem na Doutrina Secreta, trataremos de fazê-los retroagir ao seu elemento original, de onde todos os mistérios e dogmas se desenvolveram, vindo a materializar-se. (BLAVATSKY, 1888, p. 10).

Através do estudo comparativo dos textos sagrados somos, capazes de perceber as suas similaridades, que vão desde a descrição da divindade (Que será o foco deste trabalho) até as questões éticas. A própria afirmação da única origem de todas as crenças, incluindo suas escrituras, está presente nos próprios textos. No Rig Veda, lê-se: "A verdade é uma só, embora os homens lhe dêem nomes diferentes". No Alcorão também se pode ler: "Em verdade, enviamos para cada povo um mensageiro (com a ordem)" (Alcorão Sagrado 21:25). Essas passagens, embora sejam de escrituras e culturas diferentes, estão de acordo ao afirmar que só existe uma verdade, e os homens lhe atribuem outros nomes concordam com a

afirmação Islâmica que Allah (termo árabe para Deus) enviou profetas para todos os povos ensinando a mesma mensagem.

Os aspectos que nos dão a impressão de diferença entre as descrições da divindade se dão pelas características exotéricas das suas literaturas, que como foi explicado no parágrafo anterior, são as mesmas descrições em diferentes contextos. Como a autora Mircea Eliade escreve em seu livro *O Sagrado e o Profano* (1992):

O homem ocidental moderno experimenta certo mal estar diante de inúmeras formas de manifestações do sagrado: é difícil para ele aceitar que, para certos seres humanos, o sagrado possa manifestar-se em pedras ou árvores, por exemplo. Mas, como não tardaremos a ver, não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere. (ELIADE, 1992, p. 13).

Esse algo que está além da pedra e da árvore que a autora se referiu, representa a mensagem que as escrituras religiosas analisadas em questão têm em comum, o uso desses dois símbolos (árvore e pedra) representam as diferenças culturais dos povos que as seguem, são ferramentas que diferentes povos usam para explicar no que acreditam; são como as “parábolas”, como está escrito no Alcorão: “E estas parábolas, citamo-las aos humanos; porém, só os sensatos as compreendem. (Alcorão Sagrado 29:43).” Mais uma vez se referindo a esse “algo” que está além da pedra, que temos em comum entre os diferentes textos religiosos, entra a questão esotérica, que é esse o lado mais profundo de uma crença, o lado oculto, que é mascarado através de diferentes parábolas em diferentes idiomas, mas que representam semanticamente a mesma mensagem:

Vemos, portanto, que a "história" narrada pelo mito constitui um "conhecimento" de ordem esotérica, não apenas por ser secreto e transmitido no curso de uma iniciação, mas também porque esse "conhecimento" é acompanhado de um poder mágico-religioso. (ELIADE, 1992, p 15).

São escrituras que, se forem analisadas minuciosamente, de forma comparativa qualquer um será capaz de reconhecer suas similaridades, que geralmente se diferenciam nos nomes dos “heróis”, dos “deuses” e as posições geográficas, mas que em sua essência possuem a mesma mensagem. “Trata-se de uma crença bastante difundida, que não pertence a um tipo particular de cultura” (ELIADE, 1972, p. 14).

Se considerarmos os aspectos cosmogônicos presentes nas escrituras religiosas, veremos mais claramente quão semelhantes elas são. Toda criação segue o mesmo padrão de

um ser eterno que não tem início, nem meio e nem fim, fazendo todo o plano físico surgir: “Toda história mítica que relata a origem de alguma coisa pressupõe e prolonga a cosmogonia” (ELIADE, 1972, p. 20). Através desse trabalho analisaremos dois materiais de crenças distintas, que são separadas por língua/cultura e região.

É através das fontes autênticas das religiões que podemos observar e entender, de forma genuína, o que as mesmas descrevem em seus livros, buscando assim o entendimento em essência que elas têm em comum, que foram perdidos com o passar dos tempos. Muito provavelmente, os praticantes atuais de certo credo se diferem, em entendimento e ritualisticamente dos seus antepassados. “O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados” (ELIADE, 1992, p. 13). Sendo assim, não devemos focar nosso estudo relativo a religião nas práticas das diversas vertentes que uma determinada religião possa ter, mas sim nas suas escrituras.

A grande causadora de tanta discórdia entre seguidores de uma mesma fé ou de diferentes credos é justamente a má interpretação dos textos sagrados, seja por traduções pouco eficientes, ou a falta de contextualização por parte do leitor. Ao final deste artigo, analisaremos duas escrituras de crenças distintas da forma mais imparcial possível, focando nas semelhanças acerca da divindade expressa por cada livro.

## **2.1 Descrição do Alcorão**

Os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra literal revelada por um ser supremo, a mensagem final para a humanidade. Sendo assim, o livro é a essência da fé Islâmica, um guia para os fieis, como o próprio livro considera “Eis o livro que é indubitavelmente a orientação dos tementes a Deus;” (Alcorão Sagrado, 2:2). O Alcorão foi revelado para o profeta Mohammed (ou Maomé) no ano de 610, e as revelações ocorreram dentro de 23 anos após essa data. “As revelações aconteceram de forma gradual e depois foram compiladas na forma de livro do Islã, o Corão” (MUBARAK, 2014, p. 10).

O Alcorão está dividido em 114 suras (capítulos), que são divididos em ayats (versículos). O livro tem um total de 6600 versículos e seus capítulos são organizados em ordem decrescente.

A Revelação do livro sagrado foi por intermédio do Anjo Gabriel (Jibriil), que se apresentou a Mohammed na caverna do monte Hira, no Oriente Médio, em uma de suas reclusões espirituais.

Foi a uma caverna do Monte Hira, próximo a Meca. Pouco tempo depois, afirmou ter recebido a visita de Gabriel, um arcanjo mencionado pelos judeus e cristãos. Ele dizia que Gabriel apareceu em nome do mesmo Deus que os judeus e os cristãos adoravam (MUBARAK, 2014, p. 10).

O Alcorão é considerado o último livro sagrado revelado para a humanidade, sendo todo o seu conteúdo de caráter sagrado do começo ao fim.

O Alcorão é a palavra de Deus, revelada a Mohammed, desde a surata de abertura até a surata dos humanos, constituindo o derradeiro dos livros revelados a humanidade (HAYEK, 2012, p. 4).

A noite da primeira revelação é conhecida como a noite do decreto entre os fieis, e é a partir dessa data que se dá início ao mês do Ramadan, que é o jejum dos muçulmanos.

Naquela época, Mohammed tinha 40 anos. Uma vez, estando ele na caverna meditando, disse ter escutado uma voz que lhe dizia que recitasse alguns versos, os quais se tornariam os versos 1 a 5 da Sura 96 do Corão (MUBARAK, 2014, p. 10).

A experiência envolvendo a primeira revelação está descrita no capítulo (sura) 53 do Alcorão do verso 4 ao 9, que relatam o seguinte:

Isso não é senão a inspiração que lhe foi revelada, Que lhe transmitiu o fortíssimo, O sensato, o qual lhe apareceu (em sua majestosa forma). Quando estava na parte mais alta do horizonte. Então, aproximou-se dele estreitamente, Até a uma distância de dois arcos (de atirar setas), ou menos ainda (ALCORÃO, 53:4-9).

O profeta vinha de uma família simples de comerciantes, por esse motivo, ele não teve acesso a uma educação privilegiada. Grande parte de seu conhecimento se referia ao comércio, e, por não ter acesso à educação era iliterado, sendo necessária a ajuda de seus discípulos na escrita do livro.

As revelações aconteceram de forma gradual e depois foram compiladas na forma de livro do Islã, o Corão: “O profeta do Islã, Mohammed, de memória privilegiada, ditou os textos a seus escribas, e outros textos foram compilados por seus companheiros, muitas vezes por iniciativa própria, e estes textos são chamados de A tradição“ (MUBARAK, 2014, p. 10-11).

No Alcorão também contém as narrativas dos profetas que procederam antes da derradeira revelação; profetas que são partes de outras tradições religiosas, como Abraão, Moisés, Jesus entre outros. Nele, há narrativas sobre os nossos antecessores e sobre os nossos sucessores e é um árbitro entre nós (HAYEK, 2012, p. 5).

Há narrativas de povos anteriores, de séculos passados; há histórias dos profetas, dos Mensageiros, dos povos, dos grupos, das pessoas, dos acontecimentos e do

desenrolar da historia da civilização; nele há explicações e exemplos para aqueles que por ele queiram pautar suas vidas, e exortação para quem tem coração e está disposto a aceitá-la, e a prestar testemunho (HAYEK, 2012, p. 5).

Uma das características mais marcantes do Alcorão é a sua posição privilegiada no contexto linguístico árabe, sendo considerada a mais sublime obra de literária da língua árabe, seus versos servindo como modelo gramatical a ser seguido pelos falantes do idioma (HOLES, 2004). Como a própria raiz da palavra Alcorão diz: Corão vem da raiz de um verbo árabe que significa LER ou RECITAR. A palavra significa literalmente “leitura por excelência ou recitação” (MUBARAK, 2014, p. 13).

O Alcorão é a peça central na vida dos muçulmanos, sendo o critério do que é certo e do que é errado, por esse e outros motivos um estudo desse livro é algo delicado. O Alcorão era, e continua sendo, o centro da cultura islâmica, dos movimentos filosóficos e de todas as suas atividades intelectuais; seus versículos estimulam a nele pensarmos (HAYEK, 2012, p. 7).

Para os muçulmanos, o Corão é como uma bússola orientadora para suas vidas. Mas a leitura pormenorizada de seus 144 capítulos (suras) nos leva a concluir que o livro não apresenta nenhum sentido de ordem cronológica (MUBARAK, 2014, p. 13).

## 2.2 Descrição dos Upanishads

Os Upanishads são uma coleção de textos de natureza religiosa que fazem parte das escrituras mais antigas da Índia, os Vedas, sendo os Upanishads a principal fonte filosófica da religião Hindu.

AS MAIS ANTIGAS ESCRITURAS da Índia, e as mais importantes, são os Vedas. Todos os hindus ortodoxos reconhecem neles a origem da sua fé e o seu texto escrito mais autorizado (PRABHAVANANDA, 2002, p. 6).

Os Vedas foram divididos em duas partes, os Upanishades compõem a segunda parte, na qual busca ponderar sobre a natureza de divindade, descrevendo suas características e propriedades. São textos de conteúdo profundo.

Os Vedas são em número de quatro: o Rig, o Sama, o Yajur e o Atharva. Cada um deles está dividido em duas partes: Trabalho e Conhecimento. A primeira é composta principalmente de hinos, instruções com relação aos rituais e às cerimônias, e regras de conduta. A segunda diz respeito ao conhecimento de Deus, o aspecto mais elevado da verdade religiosa, e é denominada. Upanishads (PRABHAVANANDA, 2002, p. 6).

A etimologia do termo “*Upanishad*” é composta de dois termos, “upa” e “shad”, que juntas significam “sentado junto devotamente” que faz alusão a pratica de sentar diante de um mestre e ouvir seus ensinamentos. “O significado literal de *Upanishad*, "sentando perto devotadamente", traz à mente, de modo pitoresco, um discípulo dedicado aprendendo com seu mestre” (PRABHAVANANDA, 2002, p.6).

Não se sabe ao certo quantos Upanishads existiram, pois só alguns foram preservados, no decorrer de centenas de anos, suas estruturas variam bastante, entre prosa, verso e até diálogos.

Não se sabe quantos *Upanishads* já existiram. Cento e oito foram preservados, que variam em extensão de algumas centenas a muitos milhares de palavras, alguns em prosa, outros em verso, e outros ainda parte em prosa e parte em verso. Variam enormemente no estilo e na forma, freqüentemente dentro do mesmo *Upanishad*, ora sendo simples e concreta-mente narrativos, ora sutil e abstratamente descritivos, assumindo muitas vezes, em ambos os casos, uma forma de diálogo (PRABHAVANANDA, 2002, p. 6).

Esses textos, assim como outros textos sagrados de outras religiões, são considerados de autoria profética, revelações de uma deidade para seus mensageiros. “Uma característica mais importante surge do fato de os *Upanishads* representarem o trabalho de santos e profetas “(PRABHAVANANDA,2002, p.6).

Os Upanishads providenciam a fonte básica de muitos tópicos importantes da filosofia indiana: os famosos esquemas do carma, dharma e nirvana termos populares atualmente, e que tem origem nas antigas paginas dos *Upanishads*.

Uma das características dos Upanishads é a sua homogeneidade. Muitas concepções que aparentemente diferem são encontradas neles, mas estas são, grosseiramente falando, encontradas em todos eles, e não distribuídas, uma num Upanishad, outra em outro “(PRABHAVANANDA, 2002, p. 6).

Em resumo, os Upanishads reúnem os ensinamentos mais importantes da religião hindu, e são a essência do pensamento hindu. Constituem um conhecimento muito profundo, e de difícil compreensão para os leigos, em respeito a cultura hindu.

É tolice pensar que as Upanishads podem ser compreendidas como se compreende um texto filosófico ocidental. Uma Upanishads só pode ser captada, de fato através de uma transformação daquele que a ouve ou a lê (TINOCO, 2011, p. 17).

São textos de conteúdo altamente esotéricos que necessitam de um guia ou estudo aprofundado para serem completamente entendidas. As Upanishads não foram escritas para serem transmitidas para todas as pessoas. Elas fazem parte de uma sabedoria esotérica – que só é passada pelo mestre aos discípulos que merecem recebe-las (TINOCO, 2011,p. 17).



### 2.3 A Doutrina Secreta

A Doutrina Secreta é, ao lado do livro “Isis sem véu”, ambos os livros de autoria da escritora Russa, Helena Petrovna Blavatsky, o livro mais importante dos estudos teosóficos, que contém compilações científicas, filosofias e religiosas, de vários povos e de varias épocas.

A DOUTRINA SECRETA se define por seu próprio título. Expõe "não a Doutrina Secreta em sua totalidade, mas um número selecionado de fragmentos dos seus princípios fundamentais". 1º) Mostra: que é possível obter uma percepção das verdades universais, mediante o estudo comparativo da Cosmogonia dos antigos; 2º) proporciona o fio que conduz à decifração da verdadeira história das raças humanas; 3º) levanta o véu da alegoria e do simbolismo para revelar a beleza da Verdade; 4º) apresenta ao intelecto ávido, à intuição e à percepção espiritual os "segredos" científicos do Universo, para sua compreensão. Segredos que continuarão como tais enquanto não forem entendidos (BLAVATSKY, 1888, p. 32).

Como a própria autora afirmou, o conteúdo da Doutrina Secreta não tem caráter profético, e o conteúdo de sua obra não traz nada de inovador, sendo apenas fragmentos de um mesmo conhecimento que foram transmitidas durante as eras por todo o mundo.

Tais verdades não são, de modo algum, expostas com o caráter de *revelação*; nem a autora tem a pretensão de se fazer passar por uma reveladora de conhecimentos místicos que fossem agora trazidos à luz pela primeira vez na história (BLAVATSKY, 1888, p.18).

Por se tratar de “fragmentos” essa obra não tem o status de possuidor de toda a “doutrina secreta”, desta forma sendo uma espécie de resumo.

Escusado é dizer que esta obra não é a Doutrina Secreta em sua totalidade; contém apenas um número selecionado de fragmentos dos seus princípios fundamentais, dando-se especial atenção a certos fatos com os quais diversos escritores se têm preocupado, desfigurando-os, porém, ao ponto de retirar-lhes toda verossimilhança (BLAVATSKY, 1888, p.18).

O conteúdo desta obra analisa a unidade essencial de todas as religiões, com foco nos simbolismos presentes em suas literaturas e tradições. A doutrina secreta foi a obra pioneira no ocidente que apresentou os métodos para o estudo comparativo das diferentes tradições existentes, guiando os interessados nesse estudo a derrubarem as barreiras externas que velam as similaridades presentes nas diferentes tradições.

A DOUTRINASECRETA é um tema tão vasto e se ramifica em tantas direções que o seu manejo requer ingente labor, não sendo possível determinar por antecipação o número ou tamanho dos volumes necessários (BLAVATSKY, 1888, p. 53).

### 3 Análise

#### 3.1 O Alcorão e os Upanishades á luz da Doutrina Secreta

Antes de iniciarmos nossa análise, devemos ter em mente que, entre duas literaturas escritas por povos diferentes, existem barreiras (culturais e linguísticas) que devem ser quebradas para alcançarmos o objetivo desse trabalho. “Importa que o simbolismo seja estudado em cada um de seus aspectos, porque cada povo tinha seu método de peculiar de expressão” (BLAVATSKY, 1888, p. 11).

Analisaremos o conceito de divindade (Deus) que estará envolto por essas barreiras citadas no paragrafo anterior. As mesmas, quando derrubadas, revelarão o mesmo personagem que está por trás dos muros, que antes pareciam adornados por ornamentos diferentes, no Alcorão e nos Upanishades, tendo como base o conceito presente no livro “A Doutrina Secreta”, que considera os conteúdos presentes nas escrituras sagradas como provenientes de uma mesma fonte de tempos imemoriais, ao qual todo iniciado (profeta) teve acesso, e que tem como principal objetivo trazer o velho conhecimento que subjazem às escrituras em análise.

Apesar disso, será talvez conveniente declarar, em termos inequívocos, que os ensinamentos consubstanciados nestes dois volumes, por mais incompletos e fragmentários que sejam, não pertencem exclusivamente nem à religião hindu, nem à de Zoroastro, nem à da Caldéia, nem à egípcia; e tampouco ao Budismo, ao Islamismo ou ao Cristianismo. A Doutrina Secreta é a essência de todas elas (BLAVATSKY, 1888, p. 19).

Sendo a Doutrina Secreta a essência de todas as formas de expressão escrita da fé, conforme mostrado na citação acima, usaremos a sua definição de divindade como base para essa análise comparativa, buscando, assim, explicar a semelhança entre o personagem Deus nas escrituras sagradas de duas das maiores religiões do mundo. Buscaremos, aqui, mostrar as semelhanças entre as descrições de Deus no Alcorão e nos Upanishades. Sendo a descrição contida na Doutrina Secreta a seguinte:

Um PRINCÍPIO Onipresente, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda expressão ou comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo (BLAVATSKY, 1888, p.124).

Sendo este principio (Deus) impossível de se especular, toda tentativa de descrevê-lo será equivocada, então, as únicas características que levaremos em conta são: a imutabilidade,

ilimitabilidade, onipresença e unicidade. Vemos que nas várias literaturas religiosas que existem pelo mundo, os povos tentaram descrever a divindade, a nomeando e a antropomorfizando, sendo essa a parte em que as crenças diferem. Com o passar dos tempos, várias interpretações foram criadas por povos de diferentes culturas acerca do conhecimento original, como Eliade Mircea descreve a tentativa de definição do mito: “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (ELIADE, 1972, p. 14).

Nessa abordagem dos textos religiosos, de seus valores externos (exotéricos), o trabalho de encontrar essas semelhanças acaba se tornando um trabalho árduo, partindo do pressuposto que as tradições sofrem algumas modificações dependendo do tempo e espaço. “Seria difícil encontrar uma definição do mito que fosse aceita por todos os eruditos e, ao mesmo tempo, acessível aos não especialistas” (ELIADE, 1972, p. 14).

Por este motivo, não iremos focar em nenhum dogmatismo, mas sim apenas nas descrições que as escrituras sagradas das duas religiões usam ao se referirem as suas respectivas divindades, que diferem principalmente em nome (Allah, no Alcorão e Om ou Brahma nos Upanishads), que sendo a divindade (Deus) incapaz de ser compreendido pela mente humana, como considera a citação já mencionada na obra da autora russa, é o mesmo que nomear o inominável. Desta forma, mostraremos que ambas as escrituras se referem a uma força ilimitada, imutável, única e onipresente, que somos incapazes de compreender. Como diz Blavatsky na “Doutrina Secreta”, “O Passado ajudará a conhecer o Presente, e o Presente servirá para compreender melhor o Passado” (BLAVATSKY, 1888, p. 107).

Analisando os princípios em relação à divindade, que é o nosso foco aqui, desta forma, iniciaremos pelo verso corânico da sura “Al-Ikhlâs”, que explica sobre a natureza imutável e absoluta (ilimitada) de Allah (Deus).

Dize: Ele é Deus, o Único!  
 Deus! O Absoluto!  
 Jamais gerou ou foi gerado!  
 E ninguém é comparável a Ele! (ALCORÃO SAGRADO, 122: 1-4)

Neste verso, o termo “Absoluto” tem uma semântica de bastante importância nesta análise. Se voltarmos para a descrição presente na Doutrina Secreta acerca da divindade, perceberemos características descritivas, que quando, somadas só poderiam pertencer a um ser absoluto. Essas características são: Onipresente, Sem Limites e Imutável. No “*Katha Upanishad*” vemos uma descrição semelhante, neste caso a divindade é chamada de “OM” que é o equivalente a “Allah”. Ambas as expressões se referem à divindade “O Eu, cujo

símbolo é OM, é Deus onisciente. Ele não nasce. Ele não morre. Ele não é nem causa nem efeito” (KATHA UPANISHAD, p. 19). Ambas as citações fornecem descrição referente a um mesmo “ser”, é claramente notável, na primeira parte, “Jamais gerou, ou foi gerado” e “Ele não nasce”, e certamente a continuação da sentença “Ele não morre. Ele não é nem causa nem efeito” só pode se referir a um “ser” que não se compara a nenhum outro.

O próximo princípio a ser analisado, é a onipresença. Essa característica, deve ser a mais comum entre os dois personagens analisados, e é a crença numa divindade que está presente em todos os lugares:

O Eu está em todos os lugares. Ele é brilhante, imaterial, sem mácula de imperfeição, sem osso, sem carne, puro, intocado pelo mal. Aquele que vê, Aquele que pensa, Aquele que está acima de tudo, o Auto Existente ele e' aquele que estabeleceu a ordem perfeita entre objetos e seres desde o tempo que não tem princípio (INSHA UPANISHAD. p. 11).

Na sura “*Al-Baqarah*”, notaremos a mesma mensagem, mais uma vez diferindo apenas nas suas palavras, porém, com sentido semelhante. “Tanto o levante como o poente pertencem a Deus e, aonde quer que vos dirijais, notareis o Seu Rosto, porque Deus é Munificente, Sapiientíssimo” (ALCORÃO SAGRADO 2: 115).

Pra finalizar, analisaremos a unicidade da divindade que, é especificada em ambas as escrituras, possuem semântica semelhante, que reforça e suporta o propósito dessa pesquisa, em afirmar que ambos os textos descrevem a divindade da mesma forma. Ainda na Sura *Al-baqarah*, temos a seguinte especificação: “Vosso Deus é Um só. Não há mais divindade além d'Ele, o Clemente, o Misericordiosíssimo (ALCORÃO, 2:163)”. Temos também, “Vosso Deus é um Deus Único” (ALCORÃO, 16:22), “Em verdade Vosso Deus é um” (ALCORÃO,37:4). Esses versos descrevem uma das principais características da divindade, e se assemelham a vários versos presentes nos Upanishads. Citaremos alguns deles a seguir: “O ser autoluminoso, o único Deus, que mora como o poder autoconsciente em todas as criaturas. Ele é Um sem segundo (SWETASVATARA UPANISHAD, p. 17), “O Senhor é Um sem segundo” (SWETASVATARA UPANISHAD. p. 73), “Sou Brahman o Um sem segundo” (KAIVALYA UPANISHAD, p.80). Todas essas citações se equivalem completamente, e qualquer um seria capaz de perceber o conteúdo congênere de ambas as escrituras.

Através dos exemplos citados e explicados, somos capazes de observar as similitudes que ambas as divindades analisadas possuem em comum, sendo ambas pertencentes a literaturas religiosas distintas, provenientes de povos diferentes, que não possuem nenhum parentesco etnológico, nem linguístico, mas que, mesmo assim, são de naturezas tão distintas

e dividem as mesmas características, que com a ajuda do trabalho desenvolvido por Helena Blavatsky, somos capazes de colocar lado a lado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Para concluir, neste trabalho discutimos as semelhanças referentes à descrição da divindade presentes no Alcorão e nos Upanishades com o auxílio do livro *A doutrina Secreta* (1888), *O sagrado e o profano* (1992) e *Mito e Realidade* (1972). Concluímos que, embora distintos, ambos os personagens possuam características semelhantes.

Alcancamos nossos objetivos de expor as semelhanças presentes nas duas obras em relação ao personagem Deus por meio de análises pontuais das características dos mesmos descritos em ambas às obras que foram: imutabilidade, ilimitabilidade, onipresença e unicidade.

Sendo este um tema que pode gerar polêmica, por conta de possíveis más interpretações, esperamos que o leitor possa ter compreendido, de forma clara, o desenvolvimento da pesquisa proposta. Assim, a relevância deste trabalho se dá pela compreensão que, através desta análise comparativa, nos é permitida, nos dando a capacidade de entender as características presentes nos personagens analisados, aprimorando nosso pensamento crítico em relação à diversidade cultural que nos dias de hoje é algo comum através de contatos mútuos entre pessoas de diferentes culturas e também pelo fato dessas obras serem influentes em outras obras literárias como as citadas na introdução.

Recomendamos a leitura dos materiais referidos aos que se interessarem pelo assunto, ainda existindo vários outros recursos literários que abordam esse assunto de forma mais aprofundada, como os livros de William Quan Judge, Sayed Ammar Nakshawani, Ibn Arabi, Seyyed Hossein Nasr, Khalil Gibran, Curuppumullage Jinarajadasa, Jalāl ad-Dīn Muhammad Rūmī entre outros, todos os autores extremamente esforçados na busca pelo conhecimento em comum que subjaz diferentes escrituras religiosas. Através do estudo comparativo presente neste trabalho, podemos perceber que duas crenças que, externamente, são tão distintas têm, em sua essência, os mesmos princípios referentes às características das divindades descritas em ambas às literaturas sagradas analisadas que foi o aspecto focado, e essas semelhanças descritivas do personagem Deus vão muito além do Islamismo e do Hinduísmo, podendo ser encontradas nas inúmeras literaturas religiosas existentes.

Esse trabalho se torna relevante pelo fato de um dos propósitos fundamentais da literatura comparada ser estimular o rompimento dos limites culturais por meio do estudo de

diversos gêneros literários através do tempo e espaço, explorando as conexões das literaturas com a história, política, filosofia entre outros temas. Somos partes de um mundo cada vez mais globalizado onde diferentes culturas se cruzam e influenciam umas as outras, estudos como este presente neste artigo estimulam os estudantes a se introduzirem nessa diversidade cultural proporcionando um aumento no entendimento na diversidade cultural e do pensamento crítico.

## **THE MANY BRANCHES OF THE SAME TREE: THE QU'RAN AND THE UPANISHADS IN THE LIGHT OF THE SECRET DOCTRINE**

### **ABSTRACT**

The comparative study of religions has been a taboo during great part of the human history, being regarded as heresy by orthodox leaders from many religions, and the comparative study of these texts is an important tool for the development of the understanding of cultural diversity. Taking these questions into account this paper has the objective of comparing the sacred scriptures of two of the most influential religions, the Quran and the Upanishads, respectively the Islamic and Hindu scriptures. We search to point the similarities between these two creeds so distinct and to display that, although its seems so different, both convey the same description of “God”. This comparison has as intermediate the book “The Secret Doctrine” (1888) by Helena Blavatsky, and as based theories the books “The Sacred and the Profane”(1992) and “Myth and reality”(1972), both by Mircea Elaide. With the support of these materials we will try to point out the similarities between these two protagonists.

**Keywords:** Religions, Comparative, Similarities

## REFERÊNCIAS

- Alcorão Sagrado. Disponível em: <https://quran.com/>. Acesso: 7 de outubro de 2016.
- BLAVATSKY, H.P. **A Doutrina Secreta** (Vol. I e II). São Paulo, Editora Pensamento, 1969.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. 6 ed. São Paulo: Perspectiva, 1972
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**; [tradução Rogério Fernandes]. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HOLEY, Clive. **Modern Arabic: Structures, Functions, and Varieties**. Georgetown, Georgetown University Press, 2004.
- O Alcorão sagrado**; [tradução Samir El Hayek] Disponível em: [www.islam.com.br](http://www.islam.com.br). Acesso: 26 de novembro de 2017.
- Os Upanishads**; [tradução Swami Prabhavananda e Frederick Manchester]. São Paulo, Editora Pensamento, 2002.
- MUBARAK, Caleb. **Introdução ao Islamismo** [tradução Hellen Ramiro de Araújo]. DespertaesEspirituais.es, 2014.
- TINOCO, Carlos Alberto. **As Upanishads do yoga**. São Paulo, Editora Madras, 2011.